



ID: 4222537

10-06-2012

## NA FAINA DE UMA TRINEIRA

O mestre Fernando  
durante a jornada de  
pesca na 'Latagão'



# Ao nascer do dia os peixes começam a entrar a bordo: safias, linguados, um salmonete, duas santolas, uma raia...

Faltam alguns minutos para as quatro da manhã. Na Doca de Pedrouços, em Lisboa, um ecrã gigante exhibe ainda imagens dos veleiros da Volvo Ocean Race que ali ancoraram na véspera. "Parece que esteve cá o príncipe das Astúrias", conta sem emoção Fernando Ferreira, 52 anos, mestre da trineira *Latagão*, enquanto acaba de se equipar na sua base improvisada, as instalações de uma antiga empresa de refrigeração. Carlos Fernandes, 60 anos, veterano da marinha mercante e o único outro tripulante disponível para a jornada de pesca, mostra ainda menos entusiasmo com a presença dos protagonistas da autoproclamada "mais dura regata do mundo". Como

multos pescadores de Lisboa não gostaram da decisão da Administração do Porto de Lisboa de converter aquela doca "num espaço para eventos" e, como muitos, resistem à mudança imposta para Alcântara: "Dão-nos um espaço para encostar o barco e mais nada. Nem temos onde guardar o material. De momento estamos sem um rumo."

Mas o mestre rapidamente recupera a boa disposição que parece caracterizá-lo como uma assinatura. Motores ligados, uma comunicação via rádio a anunciar a partida e lá segue o *Latagão* rio abaixo. Em frente ao Forte de São Julião da Barra, depois de esperar a boa maré, vai à

água a primeira rede, que uma âncora fixa ao fundo. Seguem-se várias outras, que são deixadas soltas ao sabor das correntes, apenas identificáveis pelas bolas, enfeitadas com bandeirolas artesanais. "Com o GPS e o cálculo das correntes vamos dar com elas", garante o mestre. "E já será quase de dia quando as começarmos a recolher", acrescenta Carlos.

Ao ralar do dia, como prometido, os peixes começam a entrar a bordo. Há corvinas, não muito grandes mas em quantidade. Uma boa notícia: "Quando havia mais poluição não se via nem uma." Somam-se as horas – que parecem voar ao ritmo frenético de trabalho dos dois homens – e crescem as capturas. Enquanto, lá



## Enxames de caranguejos vermelhos não largam as suas presas nem para salvar a vida

atrás, Carlos vai desembaraçando os peixes, que atira para caixas de plástico com precisão de fazer inveja a um jogador da NBA, Fernando testa-me os conhecimentos de biologia marinha: "E este é o quê?" Confundo choupas com sargos, mas acerto nos besugos.

Os nomes vão-se multiplicando: carapaus, linguados, um salmonete, douradas, safias, um ratão (qué volta ao mar), uma raia, ruivos, chocos e um peixe-galo – quem diria que ali, onde o Tejo encontra o mar, há tanta diversidade? E na rede deixada de véspera estão os linguados e as poucas pescadas que conseguiram escapar ao festim de enxames de caran-

guejos vermelhos, que não largam as suas carcaças nem para salvar a vida. Mas entre eles há também duas santolas, uma bem grande. A pescaria não corre mal. Antes do regresso, uma passagem pela Trafaria para vender o peixe na lota. Os cento e tal quilos capturados rendem 368 euros, uma pequena fração do que valerão quando chegarem às bancas dos mercados. Chegados a Lisboa, já depois das 13.30, Fernando e Carlos deixam-me o desafio: "Amanhã à mesma hora?" Talvez seja por causa da noite mal dormida, ou da estranha sensação de que o chão sob os meus pés também oscila ao sabor das ondas, mas parte de mim sente-se tentada a dizer que sim.

PEDRO SOUSA TAVARES

